



"Educação como prática de Liberdade":
cartas da Amazônia para o mundo!

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ (UFPA)
SET-OUT 2021

ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

9034 - Resumo Expandido - Trabalho - 40ª Reunião Nacional da ANPEd (2021)

ISSN: 2447-2808

GT21 - Educação e Relações Étnico-Raciais

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DO QUILOMBO DE TRIGUEIROS-PE: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E SENSÍVEL SOBRE O RACISMO

Adlene Silva Arantes - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

Romero Antonio de Almeida Silva - UNIVERSIDADE DE PERNAMBUCO

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS NA ESCOLA DO QUILOMBO DE TRIGUEIROS-PE: UMA ABORDAGEM TEÓRICA E SENSÍVEL SOBRE O RACISMO

O presente texto, fruto de uma pesquisa mais ampla, tem como objetivo contribuir para a efetivação de uma educação antirracista, despertando o processo de valorização da identidade quilombola. O lócus de pesquisa foi a escola da Comunidade Quilombola de Trigueiros, localizada no município de Vicência em Pernambuco. Baseamo-nos teoricamente em estudos como os de Hall (2006), Gomes (2003), entre outros. A abordagem de pesquisa foi do tipo qualitativa com elementos da pesquisa-ação. Analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) de 2019, e a Proposta Curricular na Educação das Relações Étnico-Raciais para o Ensino da História, Cultura Afro-Brasileira e Africana, construída pela comunidade escolar que vigora desde 2013. Realizamos rodas de conversa em turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. As questões éticas da pesquisa foram respeitadas conforme o Parecer CEP nº 3.386.690/2019. Percebemos que, apesar dos documentos da escola contemplarem as orientações voltadas para a educação das relações étnico-raciais, práticas racistas foram observadas entre as crianças. Concluímos que as intervenções realizadas na sala de aula contribuíram para a valorização da identidade negra quilombola e, conseqüentemente, para combater o racismo.

Palavras-chave: Relações Étnico-raciais, Educação Escolar Quilombola, Racismo, Comunidade Quilombola de Trigueiros, identidade quilombola.

1. Introdução

O atual contexto de crise sanitária e política que enfrentamos no Brasil ampliou ainda mais as desigualdades sociais, étnicas e raciais. Entre os mais vulneráveis estão os cidadãos em maiores condições de pobreza, como é o caso das populações quilombolas que ocupam quase 6.000 (seis mil) localidades quilombolas espalhadas em todo o país. Atualmente, 282 (duzentos e oitenta e dois) cidadãos morreram em decorrência do Covid-19 e outros 5.351 (cinco mil trezentos e cinquenta e um) casos de Covid-19 foram confirmados pelo levantamento da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (CONAQ).

Na área da educação, as desigualdades entre brancos e negros também se ampliam. Muitas crianças negras estão excluídas (do ensino remoto) do ambiente escolar ou mal incluídas (no ensino presencial) por conta do racismo estrutural que se alastra pela sociedade há muito

tempo. Para combater as práticas racistas na sociedade, é preciso dar início a essas ações de combate nas escolas.

Uma das principais ações de combate ao racismo na educação brasileira foi a Lei 10.639, sancionada em 09 de janeiro de 2003. Essa Lei instituiu a obrigatoriedade do ensino da História da África e dos africanos no currículo escolar da Educação Brasileira, resgatando, historicamente, a contribuição da população negra na construção e formação da sociedade brasileira. Logo, contribuindo e fortalecendo esse discurso, a Lei 10.639/2003 é estabelecida através da Resolução nº 08, de 20 de novembro de 2012, do Conselho Nacional de Educação/Ministério da Educação. Com isso, instituem-se as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica (DCNEEQ), como instrumento de fortalecimento da educação escolar dos/as quilombolas em todo o Brasil.

Nesse contexto, a escola, que é o ambiente de divulgação do conhecimento historicamente acumulado pela humanidade, deve desempenhar um papel importante na promoção de uma educação verdadeiramente inclusiva. Deste modo, a vida de cada estudante penetra na escola em todas as formas e fórmulas que podemos imaginar ou calcular. Com isso, toda a carga da herança é construída nas tessituras da sociedade onde cada ser vive e convive. Esse viver e conviver traz para cada ser humano modos de perceber o mundo por óticas muitas das vezes regadas por estruturas extremamente desumanas, uma delas o racismo. Nos quilombos, essa realidade não é diferente.

Por isso, este estudo teve como lócus de pesquisa a única escola do Quilombo de Trigueiros, localizado na Zona da Mata Norte de Pernambuco, na Cidade de Vicência. Trigueiros fica à 13 km da sede do município e a 92 Km do Recife e tem uma população estimada de mais de 1.350 (um mil trezentos e cinquenta) habitantes. Deste modo, algumas questões se apresentaram: Existem práticas racistas na escola do quilombo de Trigueiros-PE? O que os documentos da escola dizem sobre as relações étnico-raciais e sobre a valorização da identidade quilombola?

Em 2008, a Comunidade foi certificada como remanescente de quilombo pela Fundação Cultural Palmares, a partir de seu autorreconhecimento enquanto quilombo, como é estabelecido no Decreto Federal 4.887/2003. Mas a luta da Comunidade é anterior a essa data, porque remonta à segunda metade dos anos noventa e início dos anos dois mil, a partir das memórias das mais velhas e mais velhos da Comunidade. Essa população vem lutando, debatendo e construindo mecanismos para o fortalecimento identitário, antirracista e de pertencimento com o ser quilombola.

Diante do exposto, o objetivo do nosso texto é contribuir para a efetivação de uma educação antirracista, despertando o processo de valorização da identidade quilombola. Desta forma, entendemos a importância da constante bandeira de luta contra o racismo. E a escola, para além da legislação que orienta suas práticas como ambiente fortificador para o enfrentamento e para uma educação antirracista, necessita reverberar o debate em torno dessa emergência tão negada ao logo da história brasileira.

Optamos pela abordagem qualitativa com elementos da pesquisa-ação. Assim como Barbier (2002, p. 85), acreditamos que a pesquisa-ação é “uma maneira filosófica de existir e de fazer pesquisa interdisciplinar para um pesquisador implicado” [...] “que reconhece que há uma simultaneidade em que “eu implico o outro e sou implicado pelo outro na sua situação interativa” (Ibidem, p.101).

A partir da escuta sensível, utilizamos rodas de conversas, com o objetivo de escutar as crianças das turmas de 6º e 7º ano do Ensino Fundamental da escola da Comunidade Quilombola de Trigueiros. As crianças estão na faixa etária de 11 a 13 anos. Nas rodas de conversa, “o diálogo é um momento singular de partilha, porque pressupõe um exercício de escuta e de fala, em que se agregam vários interlocutores, e os momentos de escuta são mais numerosos do que os de fala”. (MOURA; LIMA, 2014, p. 100).

As discussões aconteceram a partir da temática “Meu grito contra o racismo”, emergindo o debate sobre o racismo na sociedade e na própria escola, nas relações entre os/as próprios/as alunos/as e como superá-lo. Após as rodas de conversas, procedemos às discussões, ação e

observação das reações a narrativas e representações dos/das alunos/as. Também analisamos documentos que circundam a escola da Comunidade de Trigueiros

As questões éticas foram respeitadas através do Parecer CEP nº 3.386.690, do Comitê de Ética em Pesquisa da nossa instituição.

2. O racismo na escola e a valorização da identidade como instrumento para superá-lo

Uma das importantes formas de enfrentamento ao racismo é através do autorreconhecimento identitário, pois esse processo permite adentrar pelas memórias individuais e coletivas de cada indivíduo e de uma coletividade, entre eles a dos/das quilombolas.

Nós nos apoiamos em Hall (2006) para compreender os fatores sociais da construção da identidade e como ela se constrói a partir das representações simbólicas. O autor explica que “a identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente” (Ibidem, p. 12).

Assim sendo, a identidade quilombola é um instrumento subjetivo e ao mesmo tempo coletivo, pois reacende a chama do pertencimento quilombola, primeiramente individualmente, mas a partir de uma coletividade que provoca sentido para esse autorreconhecimento, em seus contextos históricos, sociais, políticos e comunitários.

Nesse ensejo, analisamos o Projeto Político Pedagógico (PPP) e a Proposta Curricular na Educação das Relações Étnico-raciais para o Ensino da História, Cultura Afro-Brasileira e Africana, construídos pela comunidade escolar.

Assim, identificamos que O PPP da escola não possui objetivos para superação do racismo na escola. O termo aparece uma única vez, quando são citados os princípios das DCNEEQ. Entretanto, o termo preconceito é melhor desenvolvido quando o documento aponta para a necessidade de articulação curricular emancipatória.

Já a Proposta de educação para as relações étnico-raciais foi construída a partir da Lei 10.639/2003 e das suas Diretrizes para que as particularidades da Comunidade de Trigueiros sejam vividas nas práticas pedagógicas e curriculares da escola. Um dos objetivos gerais da proposta é “combater o preconceito e a discriminação racial” (2013, p. 10). Mas o que foi percebido na escola é que esse enfrentamento carece de maior estruturação.

Para demonstrar a colocação acima, observamos e ouvimos entre os alunos, principalmente os meninos, o termo ‘nego tuf’, como forma de insulto e brincadeira. E buscamos compreender qual o significado dele. Muitos dos alunos não sabiam seu significado, pois ele tinha virado gíria entre eles. Só alguns conheciam a origem do termo. Um dos alunos disse que ‘nego tuf’ era um pássaro que um morador da comunidade possuía e, segundo o aluno, o pássaro era magro, feio e preto. Por essa razão, eles começaram a dizer que o pássaro parecia um com o outro. O aluno ainda falou que ‘nego tuf’ nasceu entre eles, nas relações em comunidade e foi para a escola.

Não podemos deixar de mencionar que historicamente “o corpo se tornou um emblema étnico e sua manipulação tornou-se uma característica cultural marcante para diferentes povos”. (GOMES, 2003, p. 174). No caso, específico da população negra, o corpo “é um símbolo explorado nas relações de poder e de dominação”, que foi hierarquizado como inferior ao longo da história do Brasil. A narrativa das crianças do quilombo de Trigueiros sobre o ‘nego tuf’ é só um exemplo do tipo de preconceito que as crianças negras enfrentam nas escolas brasileiras.

Outra narrativa veio entre as meninas: uma delas relatou que sofreu com o racismo por causa de seu cabelo na própria escola, pois, com 8 (oito) anos, a mãe dela havia alisado o seu cabelo. A mãe achava o cabelo da filha muito ‘ruim’ para pentear, para ir à escola. E, quando a garota resolveu cortar o cabelo para eliminar a química, foi insultada por seus/suas colegas, principalmente, as meninas.

Para compreender como o cabelo tem sido foco do racismo, apoiamo-nos em Gomes

(2003), quando afirma que:

O cabelo é um dos elementos mais visíveis e destacados do corpo. Em todo e qualquer grupo étnico, ele é tratado e manipulado, todavia a sua simbologia difere de cultura para cultura. Esse caráter universal e particular do cabelo atesta a sua importância como símbolo identitário (...). (GOMES, 2003, p.174).

A seguir, apresentaremos exemplos das representações dos alunos sobre como combater o racismo, para demonstrar a compreensão deles sobre o assunto: Uma das representações apresentadas por uma aluna da escola da Comunidade de Trigueiros expressava a necessidade do respeito à cor do povo quilombola de Trigueiros e trazia a seguinte frase: “respeite a cor do nosso povo quilombola”. Outro aluno, a partir de seu desenho escreveu: “Sou negro. Eu sou um homem. A minha cultura é da Comunidade de Trigueiros. Gosto muito do meu povo. Eu sou de Trigueiros, negro. A minha família é negra”. Ele desenhou sua família para representar suas colocações.

As narrativas dos alunos sinalizam a consciência que eles têm em relação à existência do racismo na escola. Por isso, o papel do professor na luta diária contra o racismo estrutural que se alastra pelas escolas brasileiras, enfatizando a valorização de práticas antirracistas.

3. Algumas considerações

Como pudemos observar, no decorrer deste estudo, o racismo não está distante de uma comunidade quilombola, nesse caso Trigueiros, tendo em vista que uma das estruturas extremamente racistas da colonialidade ocidental esteve nos engenhos de cana-de-açúcar e perpassou a localidade.

Percebemos que os documentos analisados reforçam a importância da valorização da identidade quilombola dos/as alunos/as nas práticas pedagógicas e curriculares, tanto no PPP da escola quanto na Proposta Curricular na Educação das Relações Étnico Racial para o Ensino da História, Cultura Afro-Brasileira e Africana. Entretanto, são necessárias maiores reflexões e ações de luta contra o racismo na escola e, conseqüentemente, na Comunidade de Trigueiros.

As crianças demonstraram que, através de debates e de ações educativas, como as rodas de conversa e a atividade “Meu grito contra o racismo”, há a possibilidade de mudança e de superação de práticas racistas na escola. Sabemos que essas mudanças são lentas e requerem uma educação social e escolar engajada, como expressa a Educação Escolar Quilombola, ao ser modalidade da educação brasileira, firmada numa educação antirracista, transgressora e quilombola.

REFERÊNCIAS

- BARBIER, R. A pesquisa-ação. Tradução de Lucie Didio. Brasília: Liber Livro Editora, 2007.
- BRASIL. Resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola na Educação Básica. Disponível em: Acesso em: 15 nov. 2018.
- ESCOLA MUNICIPAL ALFREDO GOMES DE ARAÚJO. Proposta curricular na educação das relações étnico racial para o ensino da história, cultura afro-brasileira e africana. Vicência-PE: Comunidade Quilombola de Trigueiros, 2013.
- GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 29, n.1, p. 167-182, jan./jun. 2003.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva / Guaracira Lopes Louro. 11. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. Revista Temas em Educação, João Pessoa, v.23, n.1, p. 98-106, jan./jun., 2014. Disponível em: Acesso em: 23 mai. 2021.

Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Alfredo Gomes de Araújo. Vicência: 2019.